



## **O TRABALHO FAZ E (RE)FAZ O GÊNERO: REDE DE PESCARIAS E CATAÇÕES NA ILHA MEM DE SÁ/SE.**

Mônica Cristina Silva Santana <sup>1</sup>

### *Objeto de Reflexão*

As lutas das comunidades tradicionais por sobrevivência e dignidade relacionam-se à permanência de uma diversidade de modos de vida e de usos diferenciados dos espaços costeiros e marinhos e é essa a realidade do povoado Mem de Sá, em Itaporanga D'Ajuda/SE. Entre populações pesqueiras, a produção das mulheres é tão importante quanto a dos homens, ainda que não seja reconhecida como tal. Compreender como as comunidades de pescadores artesanais vêm se reproduzindo requer um olhar abrangente, que leve em conta o trabalho das famílias, direta ou indiretamente ligado ao sistema produtivo da pesca. Por isso, ganham relevo hoje as abordagens de gênero que direcionam nosso olhar para a divisão de trabalho entre os sexos. Trata-se de uma dimensão geralmente pouco valorizada, quer no âmbito dos estudos, que privilegiam a situação do homem pescador, quer no âmbito das políticas e das organizações sindicais de pescadores onde ainda predomina uma concepção restritiva de pescador.

### *Situação Empírica:*

O povoado Mem de Sá é formado por uma população de aproximadamente 75 famílias (em torno de 375 pessoas) que vivem há décadas em situação de isolamento geográfico em relação ao seu município, Itaporanga D'Ajuda. Trata-se, portanto, de uma comunidade localizada numa ilha fluvial (denominada Mem de Sá) originada pelo povoamento iniciado por três famílias que, ao longo de várias gerações, estabeleceram uma profunda interação com o ecossistema local, fazendo da pesca a principal atividade econômica, além do preparo da farinha (cultivam mandioca e macaxeira) e do aproveitamento do coco, atividades estas que complementam a renda dos moradores.

### *Definição da Contribuição*

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe – UFS/ Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais/ Departamento de Educação/DEDI – UFS/Itabaiana. Doutora em Ciências Sociais/ UFBA, 2003.E-Mail: Monicacss@Ufs.Br



Em um contexto de produção de mercadorias, as atividades voltadas ao mercado alcançam necessariamente maior visibilidade, obscurecendo-se as outras dimensões da divisão social do trabalho e, em particular, as conexões que se estabelecem entre a casa e o mundo do trabalho. Os riscos e ameaças vividas pelas comunidades de pescadores artesanais têm conseqüências graves nas famílias, podendo-se dizer que, em grande medida, a capacidade de resistência dessas comunidades repousa nas estratégias de sobrevivência implementadas pelas mulheres e homens. Daí a importância de se conhecer e de se buscar mecanismos de apoio aos trabalhos desenvolvidos pelos diferentes membros dos grupos doméstico nessa comunidade, na esfera produtiva e, também, reprodutiva. Este estudo visa desvendar os papéis das mulheres na pesca e no cotidiano de trabalho. Desvendar as vinculações entre o que se passa em terra e no rio, analisando como elas assumem, no dia a dia, parte dos riscos da atividade pesqueira, pertinente ao debate diversidades de experiências de gênero, trabalho e educação. *1. Introdução:*

Alcança expressividade no contexto das últimas décadas à conformação de uma nova perspectiva de leitura e de proposições acerca do desenvolvimento de pequenas localidades como as comunidades tradicionais, assentamentos rurais e/ou municípios, que tem sido denominada de “enfoque territorial de desenvolvimento” ou ainda “desenvolvimento local”. As mulheres estão envolvidas com os problemas que afetam o setor pesqueiro, assim como com as grandes questões relativas à viabilidade das comunidades pesqueiras artesanais. A capacidade de resistência que estas vêm demonstrando é, em grande medida, conseqüência do papel de suporte desempenhado pelas mulheres e crianças. Daí a necessidade premente de se conhecer como, em vários casos específicos no Nordeste, às mulheres vêm desempenhando esse papel de suporte (COSTA-NETO & MARQUES, 2000). É essencial analisar as atividades das mulheres no espaço doméstico, tais como cuidar dos filhos, manter a casa e pescar e plantar para o consumo das famílias. São elas que, mais que os homens, enfrentam cotidianamente as dificuldades da vida em terra. Por isso, elas têm condições de levantar importantes questões relacionadas com a qualidade de vida e de inseri-las na agenda das organizações profissionais de pescadores. Por outro lado, em diversas situações elas estão atuando na própria pesca. É o caso das “marisqueiras” (coletoras de mariscos em praias nordestinas), das “tecedeiras” de redes de pesca, das pescadoras nas praias e nos rios, das que beneficiam pescado, das que fazem farinha de pescado (na região dos lagos do Baixo Amazonas), das ex-pescadoras, das esposas e filhas de pescadores, bem como das presidentes ou membros de diretorias de colônias ou outras associações.



Ademais, muito do que fazem não se destina ao mercado e não é visto, portanto, como trabalho, mesmo quando se trata de tarefas que permitem aos homens pescar: cozinhar, costurar velas de canoa, confeccionar armadilhas de pesca para o marido e os filhos, fazer o café e o carvão que eles levam a bordo, remendar roupas de trabalho, etc. As atividades femininas tendem, pois, a ser multidirecionadas, ao contrário das masculinas, geralmente centradas em uma ou duas atividades principais, como por exemplo, pesca e lavoura (SANTANA, 2003). Esse fato reforça a invisibilidade de seu trabalho e dificulta sua identificação como trabalhadoras. Nessa condição, ficam excluídas dos correspondentes direitos sociais e previdenciários. Se a construção de um modelo de pesca responsável passa pelo fortalecimento das comunidades de pescadores artesanais (GLIESSMAN, 2001), é necessário ressaltar as relações entre homens e mulheres. Segundo o modelo tradicional de divisão de tarefas, ao homem cabe o trabalho fora, para sustento da família e, à mulher, a função de dona de casa, no máximo trabalhando fora para “ajudar”. Na prática, as coisas estão longe de ser assim.

O fato de pertencer/viver numa ilha exprime uma rede de relações laborais, culturais e sociais que expressa vínculos na construção social das identidades, muito embora tais identidades possam estar relacionadas às necessidades expressas em determinados momentos históricos. O contexto que abrange a vida na “beira do rio” – é assim que identificam o local onde vivem - implica a existência de diversas identidades, quer sejam culturais, territoriais, sociais, dentre outras adquiridas e até perdidas no processo de construção social.

A dinâmica identitária é responsável pela construção dos vínculos e pela inserção dos indivíduos no mundo social. As tradições, as culturas, as crenças, os valores, os ritos, as representações e as próprias relações sociais são elementos na elaboração da identidade – “conjunto de traços, de imagens e de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio (...) o ponto de referência a partir do qual, surge o conceito de si e a imagem de si, de caráter mais restrito” (JACQUES, 1998:161-165). Como formas mentalmente elaboradas e compostas de significações, a identidade exprime uma representação de si mesmo, de sua história, de sua singularidade e se transforma num fator de orientação na construção das próprias práticas sociais.

Entretanto, a identidade é inerente à própria vida social, uma espécie de pertença social que se realiza em um mundo social específico (BERGER & LUCKMANN, 1998). Almeida (1998:36) ressalta que os sentimentos de pertencimento são “sentimentos que correspondem às práticas e aspirações, estando estas relações” – entre os homens e o meio – “codificadas por signos que lhes dão sentido”.



Esse conhecimento, socialmente elaborado e partilhado em consonância com as práticas sociais tem por objetivo a construção e interpretação da realidade (social), conferindo-lhe significado - as representações sociais não generalizam, mas evidenciam a realidade.

Na construção social desses pescadores e marisqueiras, as representações sociais revelam a realidade vivenciada, enquanto o território revela um domínio que delimita um espaço ou estabelece fronteiras, por meio de marcas simbólicas e tangíveis, oriundas de representações e sentimentos; esse domínio é estruturado por elementos políticos, econômicos, ideológicos e culturais. Aquele espaço vivido, controlado, dominado onde veiculam e se concretizam as relações sociais, diferindo de lugar, uma vez que este expressa vínculos identitários, enquanto o território expressa as relações de poder. No entanto, é o lugar que torna possível a construção do território e das territorialidades. Santos (1998) se refere ao território como “o produto dos atores sociais” (p. 21) e à territorialidade “como os meios utilizados pelos atores para se chegar ao (...) ao território” (idem).

Segundo Souza (1995), os territórios podem ser construídos e desconstruídos dentro de diversos contextos e diversas escalas, podendo ser também relativos e funcionais. As representações sociais, enquanto conhecimento da realidade vivenciada, são produzidas e transformadas pela dinâmica social, revelando a identidade do grupo, da mesma forma que o território e a territorialidade.

Na construção social, dos ribeirinhos, tanto o território, como as territorialidades e as representações sociais criaram padrões de comportamento e elementos simbólicos que estabeleceram a sua própria dinâmica social.

Para entender o significado das redes de relações e trabalho construídas na comunidade, é necessário analisar como explicita Geertz(1989):

Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumimos a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (1989:15)

O significado de cultura aqui expresso está relacionado ao *sentido*<sup>2</sup>, determinado pelos diferentes atores considerados – os pescadores e as marisqueiras, que são sujeitos da comunidade.

O desafio que se descreve neste contexto é a promoção de estratégias de coleta e análise de dados relativos à realidade da ilha Mém de Sá que permitam descortinar as relações de gênero no

---

<sup>2</sup> A distinção entre *sentido* e *significado* foi estabelecida a partir da compreensão de Cardoso de Oliveira (1998). Segundo o autor, *sentido* é uma categoria que pertence ao horizonte semântico do ‘nativo’, enquanto *significado* representa a leitura do sentido exercida pelo cientista, no seu caso, pelo antropólogo. Esta diferenciação foi construída por Cardoso de Oliveira a partir de Hirsch (1967).



cotidiano de trabalho, com o avanço de conhecimentos e a identificação de mecanismos para a definição de proposições de desenvolvimento para a baixada litorânea nesta região do Nordeste.

## *2. Conhecendo a Área*

O povoado Mem de Sá é formado por uma população de aproximadamente 75 famílias (em torno de 375 pessoas) que vivem há décadas em situação de isolamento geográfico em relação ao seu município, Itaporanga D'Ajuda. Neste sentido, a Ilha, limítrofe ao Campo Experimental de Itaporanga (uma área experimental da Embrapa, também conhecida por Reserva do Caju, por estar se tornando uma Reserva Particular do Patrimônio Natural), apresenta-se como uma comunidade de importância estratégica para esta instituição e demais parceiros na efetivação de uma proposta que favoreça a ampliação do conhecimento sobre este território e a definição de mecanismos de gestão e conservação deste fragmento da Mata Atlântica, mediante a participação da população local em todas as fases do processo. Apesar do isolamento geográfico, a Ilha Mem de Sá, de grande beleza cênica, está localizada a apenas 23 km da sede do município e 53 km da capital do Estado de Sergipe, Aracaju, o que favorece o emprego da mão-de-obra de alguns moradores nestes locais. No entanto, a maior parte da população se dedica à pesca (ainda abundante na região) no estuário do rio Vaza Barris, onde desenvolveram, ao longo do tempo, um saber ambiental extremamente importante que carece de valorização na localidade.

Trata-se, portanto, de uma comunidade localizada numa ilha fluvial originada pelo povoamento iniciado por três famílias que, ao longo de várias gerações, estabeleceram uma profunda interação com o ecossistema local, fazendo da pesca a principal atividade econômica.

## *3. Objetivos*

Compreender como as comunidades de pescadores artesanais vêm se reproduzindo requer um olhar abrangente, que leve em conta o trabalho das famílias, direta ou indiretamente ligado ao sistema produtivo da pesca. Por isso, ganham relevo hoje as abordagens de gênero que direcionam nosso olhar para a divisão de trabalho entre os sexos. Trata-se de uma dimensão geralmente pouco valorizada, quer no âmbito dos estudos, que privilegiam a situação do homem pescador, quer no âmbito das políticas e das organizações sindicais de pescadores onde ainda predomina uma concepção restritiva de pescador.

Dentre as diretrizes desta pesquisa constam: estudar a história e o papel das mulheres na pesca, registrar suas lutas (se houve) contra a marginalização e examinar como a comunidade Mem



de Sá pode integrar a perspectiva de gênero em suas lutas pela sobrevivência, valorizando e dando visibilidade ao trabalho da mulher marisqueira.

#### *4. Mulheres e a Atividade de Catação e a Pesca dos Homens*

Aos homens cabe a pesca, numa rotina que se inicia de madrugada, quando se deslocam até os principais pontos de pesca para depositarem as redes durante a maré cheia, e retirá-las com a maré baixa. Alguns se dedicam à cata do guaiamum (*Cardisoma guanhumi*) e do aratu (*Goniopsis cruentata*), sendo esta uma atividade normalmente desenvolvida pelas mulheres. Na pesca, um universo denominado de “masculino”, a relação de gênero reproduz as relações sociais de subordinação, semelhante a outras instâncias da sociedade. Processo em que a desvalorização e muitas vezes invisibilidade do trabalho feminino dificulta, até para as próprias mulheres, o reconhecimento de seu papel de sujeito nas relações sociais. Entre populações pesqueiras, a produção das mulheres é tão importante quanto a dos homens, ainda que não seja reconhecida como tal. De fato, em um contexto de produção de mercadorias, as atividades voltadas ao mercado alcançam necessariamente maior visibilidade, obscurecendo-se as outras dimensões da divisão social do trabalho e, em particular, as conexões que se estabelecem entre a casa e o mundo do trabalho.

Apesar de as mulheres desenvolverem múltiplas tarefas, o trabalho feminino é invisibilizado e considerado de menor relevância para o grupo a que pertencem. No caso de ser mulher marisqueira a situação se torna mais complexa, na medida em que o trabalho na pesca é pouco considerado pelo poder público e pela própria academia, o que por certo acarreta o esquecimento desse setor em relação a outras atividades desenvolvidas por populações tradicionais.

Em meio a essa situação de pouca visibilidade há, ainda a desconsideração do trabalho feminino em áreas de manguezais. Nessas áreas as mulheres coletam moluscos e crustáceos, mas esse trabalho é menos valorizado entre os próprios pescadores porque não está ligado diretamente à captura de peixe no rio. Essa visão é decorrente da própria formação de pescadores que privilegia a aprendizagem do saber ligado à pesca aos homens, cabendo à mulher outras atividades produtivas. Quando uma mulher pesca, ela o faz desenvolvendo a chamada *pesca pequena*, ou *pesca da beira* ou “*ajudando*” o marido no barco.

O aratu é relevante economicamente para os moradores da Ilha Mem de Sá devido à produção e comercialização de sua carne, garantindo obtenção de renda para os moradores, principalmente para a maior parte das mulheres dessa localidade. Entretanto, tal trabalho não é



reconhecido como relevante pelos habitantes locais que vêem na pesca do peixe uma atividade mais importante. Todavia, a pesca quando é tratada em seu sentido amplo permite a visualização dos trabalhos de mulheres e homens na captura de espécies aquáticas que não se restringem aos peixes.

O conhecimento tradicional que as mulheres possuem sobre seu ambiente é essencial para a preservação das espécies, principalmente em países cuja economia depende de recursos biológicos. Segundo Woortmann (1992), à mulher cabe a socialização através da aprendizagem de saberes ligados ao cultivo da terra e aos cuidados da casa. Nessa perspectiva, a relação mulheres, gênero, meio ambiente e desenvolvimento é não só permanente como muito estreita.

A produção da carne do aratu exige conhecimento da técnica de catação e envolve conhecimentos tradicionais sobre o aratu, o manguezal, o rio, as marés. Portanto, é importante conhecer todo o ecossistema ligado de forma direta ou indireta à vida desse crustáceo. Nessa atividade estão inter-relacionados os saberes locais sobre o ambiente e os valores e crenças da população humana que ora habita na Ilha Mem de Sá.

Se, admitidamente, as mulheres estão presentes na maioria das atividades de pesca ditas “de proximidade” – beira e manguezal – o rio, teoricamente, é “negócio dos homens”. Segundo eles, um dos elementos do *métier* de pescador é o embarque e, como as atividades das mulheres se efetuam a pé ou, se embarcado, limitam-se aos igarapés, se atribui menor valor e reconhecimento, mesmo por vezes, elas sendo parceiras de pesca.

A dicotomia terra-rio, espaço feminino-espaço masculino, esquema comum a todas as comunidades pesqueiras, determina a divisão de tarefas. Esta foi analisada em Vigia, terra das tecedeiras de redes de pesca (Maneschy, Escallier, 2000), onde as mulheres aprendem a tecer, deixando a tarefa de consertar(remendar) as redes aos homens. Como não é necessário dispor de grandes espaços para tecer, tal atividade mantém as mulheres em casa e limita sua mobilidade. Em compensação, o remendo exige locais amplos onde se possam estender as redes, o que permite aos homens estar fora de casa.

Constata-se na literatura (Woortmann 1992, Alencar 1993) que, as atividades das mulheres na pesca são percebidas pelos homens como fazendo parte do conjunto das tarefas domésticas – arrumar, cozinhar, cuidar das crianças, do quintal, pois elas se fazem seja em casa, como tecer redes e beneficiar mariscos, seja em locais geralmente acessíveis a pé. Tais atividades são sempre entremeadas com as responsabilidades domésticas cotidianas. Isso mostra bem que o papel das mulheres na economia pesqueira tem “limites” sociais e territoriais, que podem sempre ser redefinidos com o tempo e as mudanças culturais.



## 6. Ser Mulher/Marisqueira Na Ilha Mem de Sá

Na narrativa das mulheres da comunidade, ser mulher significa: conquistas, obstáculos, felicidade, experiência, fé, e guerreira. Argumentaram, nas entrevistas realizadas, sobre o porquê de cada palavra na construção do discurso da mulher/marisqueira enquanto sujeito social.

Assim, para elas, ser mulher, significa conquistas, porque *“como as palmeiras, vem a tempestade, mas com o novo dia erguem as suas folhas e estão prontas para um novo dia”* (entrevistada 1). Elas exemplificaram essas conquistas com a obtenção por uma mulher da Presidência da Associação de Moradores, da Presidência da Colônia de Pescadores e como chefes de família em algumas das casas da comunidade.

Sobre os obstáculos, eles são acentuados na esfera doméstica, a falta de valorização do trabalho das marisqueiras e a baixa remuneração dos pescados por elas vendidos e as condições econômicas como um todo, em que delimitam os espaços que as pessoas devem ocupar na sociedade e, mais especificamente, na comunidade local. No caso dessas mulheres, algumas dificuldades destacadas em suas narrativas se referem prioritariamente, a não valorização do trabalho feminino e a visão do trabalho das mulheres como sendo secundário. Principalmente por que *“nós ajudamos nas despesas de casa e catar marisco quase todos os dias e ainda tem o serviço de casa e os filhos.”*

Para as entrevistadas, ser mulher é felicidade por estar viva e podendo sobreviver do trabalho no mangue e no rio; nestes relatos, as relações de subordinação ao doméstico vieram à superfície ao afirmarem que: *“a mulher tem que fazer tudo mesmo e ainda ta bem para poder ir pegar uns mariscos para ajudar na renda da família. Mas o que seria de nós sem trabalho, sem o aratu e o catado?”*. Uma delas afirmou que *“na nova vida quero ser homem”*.

Por fim explicitam a relação entre ser mulher, guerreira e a experiência ao afirmar que *“as mulheres entram em todas as guerras e de tudo sabe um pouco”*, *“a mulher, nós aqui marisqueira, vamo em frente e conseguimos enfrentar tudo.”*

O aratu e o caranguejo são relevantes economicamente para a Ilha Mem de Sá devido à produção e comercialização de sua massa, garantindo obtenção de renda para os moradores, principalmente para um grande número de mulheres dessa comunidade. Entretanto, tal trabalho não é reconhecido como tão relevante pelos habitantes locais que vêem na pesca do peixe uma atividade mais importante. Todavia, a pesca quando é tratada em seu sentido mais amplo permite a visualização dos trabalhos de homens e mulheres na captura de espécies aquáticas que não se restringem aos peixes.





O conhecimento tradicional que as mulheres possuem sobre seu ambiente é essencial para preservação das espécies, principalmente em comunidades cuja economia depende de recursos biológicos. À mulher cabe a socialização através da aprendizagem de saberes ligados ao manejo dos mariscos, cultivo da terra e aos cuidados da casa. Mesmo assim, muito pouco tem sido feito pelo Estado, agências financiadoras, organizações não-governamentais (ONGs) e pelas próprias populações tradicionais, no sentido de utilizar esses saberes no desenvolvimento local e sustentável. Nessa perspectiva, a relação entre mulheres, gênero, meio ambiente e desenvolvimento é não só permanente como muito estreita.

Por fim, a problemática envolvendo gênero e meio ambiente se revela como da maior importância, embora ainda requeira maiores pesquisas e políticas públicas específicas. Nessa direção, no que diz respeito ao reconhecimento da participação das mulheres na conservação e desenvolvimento de áreas ambientais, há todo um campo a ser explorado e trabalhado, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

### *Bibliografia*

ALENCAR, E. F. **Pescadeiras, companheiras e perigosas. Um estudo sobre a pesca feminina em lençóis.** Brasília, UnB, 1993 (dissertação de mestrado).

ALMEIDA, M. G. Em busca do poético do sertão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 35-46. Jul./dez. 1998.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 15 ed. Petrópolis/RJ : Vozes, 1998. 248p. (Coleção Antropologia 5).

COSTA-NETO, E.M. & MARQUES, J.G.W. **A etnotaxonomia de recursos ictiofaunísticos pelos pescadores da comunidade de Siribinha, Norte do Estado da Bahia, Brasil.** *Biociências*, Porto Alegre 8:61-76, 2000.

JACQUES, M. G. C. Identidade. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa et. al. **Psicologia social contemporânea.** 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1998. p.159-67.

MANESCHY, M. C. & ESCALLIER, Ch. “Parceiras de terra: o trabalho das mulheres na pesca em Vigia, litoral do Pará”. In: **Gente e Ambiente no mundo da pesca artesanal**, Museu Paraense Emílio Goeldi, Coleção Eduardo Galvão, Belém, pp. 57-89, 2000.

SANTANA, M. C. S. **Muito trabalho, pouco poder: participação feminina mitigada nos assentamentos rurais no estado de Sergipe.** Tese de Doutorado, UFBA, mimeo, 2003.

SANTOS, F. A. **Itabaiana, agricultura familiar e identidade: uma experiência com o lugar.** Aracaju, 1998. 111p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe.



SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. et al. **Geografia: temas e conceitos**. Rio de Janeiro : Bertrand, do Brasil, 1995. p. 77-99.

WOORTMANN, E. F. “Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em ‘comunidades pesqueiras’ do Nordeste”. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, n. 18, p. 41-60, 1992.